

O imaginário anticomunista de Plínio Salgado no *Manifesto de maia*: um fantasma sempre em ronda

Sergio Schargel

Universidade Federal de São João del Rei
Universidade Federal Fluminense

1 Introdução

"claro que sim, chefe. em Deus, Pátria, Família, Tradição" (Bukowski, 2013, p. 70).

A retórica nacionalista de Plínio Salgado é recheada pelos mais diferentes imaginários, que se interligam através de sua proposta homogeneizante de Estado Integral. O imaginário da nação forte, da "luta de nações", da soma de múltiplas individualidades em uma massa amorfa, da degeneração nacional pelo materialismo. Esta última se destaca, em particular, em seus discursos, programas, doutrinas e manifestos. O materialismo é visto como um parasita de duas cabeças – literalmente representado assim, em alguns dos materiais (Gonçalves; Caldeira Neto, 2020, p. 170) –, o liberalismo e o comunismo. Ambos corroem a nação por dentro, fragilizando os interesses e a unidade nacional às potências estrangeiras. Interessa a este trabalho, em particular, o imaginário sobre o anticomunismo, ainda que este não seja dissociável do antiliberalismo nos discursos de Salgado, dado que, para ele – bem como para outros Messias de matriz fascista, como Mussolini –, o comunismo é consequência das elites liberais cosmopolitas (Gonçalves; Caldeira Neto, 2020, p. 18).

Os fascismos, ainda que se alterem dentro de si conforme se espalham para distintos espaços-tempos, mantêm características semelhantes e essenciais que permitem compreendê-los em congruência. Na prática, qualquer fascismo é formado por quatro outros conceitos: reacionarismo, nacionalismo, populismo e autoritarismo (Paxton, 2007). É evidente que os quatro existem de forma independente, e que mesmo a manifestação simultânea não implica necessariamente fascismo, mas quando os quatro aparecem ao mesmo tempo há, no mínimo, forte aroma. Dentro desses conceitos, distribuem-se, naturalmente, diversas características. Entre elas, a necessidade de inimigos objetivos, isto é, um grupo desumanizado contra quem se desloca a retórica do Messias e de seu séquito. Os inimigos objetivos variam, não são homogêneos. Robert Paxton (2007, p. 46) sugere que ele é escolhido de acordo com as características da nação onde o fascismo aparece – negros nos Estados Unidos, judeus na Europa do século XX, muçulmanos na Europa contemporânea. Mas um inimigo objetivo aparece invariavelmente, em consonância ou não com outros: o comunista.

Se fascismos são plurais conforme migram, também o são dentro de si próprios (na prática, como qualquer outro movimento ou conceito político). O Fascismo passa por diversos ciclos na Itália, tendo fases progressista (1915-1921), liberal (1921-1926), autoritária (1926-1933), imperial (1933-1943) e nazifascista (1943-1945). Se na fundação do *Fasci di Combattimento* em 1919, Mussolini (*Il Popolo D'Italia*, 1919) advogava em favor de um programa em parte parecido com o do Partido Socialista

Italiano (PSI), defendendo jornada de 8 horas e sufrágio universal, em 1921 passa a defender o Estado mínimo conforme a necessidade de dialogar com os setores liberais-conservadores giolittianos (Mussolini, 2020). Depois do golpe, no processo entre 1924 e 1926, finalmente põe em prática o seu modelo corporativista de Estado integral.

O Fascismo foi utilizado rapidamente como exemplo de como os fascismos, aqui como conceito genérico e elástico, se modificam *ad infinitum* ao mesmo tempo em que mantêm traços essenciais em comum. O mesmo ocorre no Integralismo. A corrente de Salgado, mais ligada ao Fascismo, elegia o comunismo e o liberalismo como principais inimigos. Gustavo Barroso, segundo na linha sucessória da Ação Integralista Brasileira (AIB), já está mais ligado ao Nazismo e, embora não abandone os mesmos princípios antiliberais e anticomunistas, adiciona também o conspiracionismo paranoico antissemita que é raro em Mussolini ou em Salgado – ao menos antes da Segunda Guerra. O imaginário da conspiração judaica funde-se ao imaginário de uma dominação comunista, na qual os “agentes de Moscou” são tomados por uma elite judaica global que domina a grande mídia, os grandes bancos e as nações democráticas.

Por uma questão de espaço, este trabalho não se aprofundará sobre o longo debate se o Integralismo seria ou não um fascismo brasileiro. Em consonância com os argumentos de Paxton (2007), em parte explicitados acima, assume-se aqui que, sim, o Integralismo foi uma manifestação brasileira equivalente ao movimento de Mussolini. Da mesma forma, não será possível trabalhar em profundidade com o imaginário antissemita de Gustavo Barroso. Assim, se privilegiará o imaginário sobre o anticomunismo, um traço em comum sobre todos os fascismos, de ontem e de hoje.

Tratando-se de uma análise sobre um material em específico do Integralismo, o método será majoritariamente análise de conteúdo, mesclando interpretação sobre o objeto com um referencial teórico sobre fascismo, Integralismo e imaginário. Por meio desta dialética entre objeto e bibliografia, torna-se possível responder à pergunta de pesquisa. Ademais, o aplicativo *WordCloud* também será utilizado, particularmente interessante por fornecer insumos ao mostrar quais termos aparecem com mais frequência no manifesto e a qual campo semântico eles estão ligados – “nação”, por exemplo, é sintomaticamente um dos termos mais frequentes.

2 Imaginários

É claro que o imaginário etnocêntrico pode aparecer de formas muito mais sutis do que como aparece normalmente nos movimentos fascistas. É o caso do que trazem Denise Siqueira e Euler Siqueira, em seu artigo *O imaginário da diferença*. Os autores constroem um debate sobre a construção etnocêntrica da imagem do brasileiro, partindo de um estudo de caso sobre uma campanha publicitária uruguaia. Trazem, por exemplo, os argumentos clássicos – que encontrariam eco no Integralismo, bem como no antecessor, o Verde-Amarelismo – da democracia racial. O entendimento do brasileiro como uma mistura entre diferentes raças, uma construção corporal que mistura indígenas, negros e europeus. *Casa-grande e senzala*, como lembram Siqueira e Siqueira (2016), dada a necessidade na época da formação de uma identidade nacional, enraizou um imaginário, já corrente, de integração racial e, por consequência, suposta nulidade de racismo no país. Com a ausência de um sentimento genuíno de brasilidade até o início do século XX, persistia, em grande parte dos intelectuais

da época, a sensação de se criar uma identidade brasileira. Uma sensação que levaria ao surgimento de movimentos nacionalistas, como o modernismo, o Verde-Amarelismo e, no caso mais extremado, o Integralismo.

Siqueira e Siqueira (2016) trabalham não apenas a construção da noção de imaginário, mas também a visão estereotipada e etnocêntrica que se associa a ele. Etnocêntrica, pois a desumanização não incorre apenas em um verniz negativo, como se pode pensar no exemplo clássico do Holocausto, mas em uma desumanização que desloca supostos aspectos excessivamente positivos a um grupo étnico, sacralizando-os de forma homogeneizante. Em *Personalidade autoritária*, por exemplo, Adorno (2019, p. 335) evidencia como etnocêntricos e antissemitas por vezes deslocavam supostas qualidades ao judeu, como uma inteligência sobre-humana.

Na peça publicitária, os brasileiros – homens e mulheres brancos – aparecem felizes, sorridentes, alegres e bem-humorados. Cria-se, assim, uma noção homogeneizante que trata toda uma nação da mesma forma, a partir de um grupo limitado de indivíduos. Os autores lembram, pertinentemente, que o título *Brasileiros*, uma proposital deturpação do espanhol, incorre ele próprio em uma tentativa de aproximação, de intimidade e amizade.

Os autores mostram que a publicidade se torna o local privilegiado para absorver esse imaginário, vendendo imagens idealizadas do Brasil. Como dizem, na publicidade se “reapresenta a vida social enquanto constrói e reforça imagens. A publicidade é, nesse sentido, uma fábrica de imagens” (Siqueira; Siqueira, 2016, p. 2) A imagem nacional se desenvolve a partir do contato com a identidade do outro, a partir da diferença entre essas identidades. Um material vindo de um país como o Uruguai, portanto, explora este imaginário sobre a nação vizinha, explícito através das imagens corporais do brasileiro como alegre, jovem e divertido. Imagem que, mais uma vez, encontra ressonância na obra de Salgado, quando este defende, como qualquer fascismo, a criação do “novo homem”: o indivíduo massificado, bélico, de porte atlético, predisposto a servir o Messias (Salgado, 1950, p. 11). Um imaginário corporal que, em Salgado, diferentemente de em Hitler e Mussolini, sempre se mostrou contraditório, dada sua figura franzina e pequena. Características corporais que, ao contrário do *Duce*, não emanavam a mesma aura de força e disposição atlética, esperadas, como esses movimentos defendiam, do líder.

Como dizem Siqueira e Siqueira (2016), a identidade surge a partir do contato com o outro. E isso vale tanto para um indivíduo quanto para o coletivo. A identidade de uma nação também se forma a partir do contato com outras nações, razão pela qual era tão importante para um Plínio Salgado ou um Mussolini substituírem a ideia de luta de classes por luta de nações (Salgado, 1950, p. 14). Assim, afirmavam suas respectivas nações, que identificavam como proletárias, vítimas de nações burguesas, por assim dizer. Em Salgado, por razões óbvias, isso é mais intenso. Em seu antimaterialismo que amalgama anticomunismo com antiliberalismo, reafirma o Brasil como vítima de conspirações imperialistas das outras nações (Salgado, 1950, p. 102-103). E, quando a nação está dividida, torna-se alvo mais fácil para essas potências estrangeiras. Por isso é fundamental a formação do Estado Integral, a soma das milhões de individualidades em um colossal uniforme, como mecanismo de defesa contra as outras nações nesse jogo de xadrez geopolítico. A formação de uma identidade brasileira a partir do medo dos demais – a brasileiridade, no caso brasileiro, ou *italianità*, no caso de Mussolini.

A propaganda uruguaia, quando devidamente comparada, não se diferencia muito dessa visão. Como afirmam os autores, o comercial trabalha com uma “narrativa mítica, para construir sua gramática persuasiva” (Siqueira; Siqueira, 2016, p. 3). A partir desse diálogo, forma-se o dualismo entre o brasileiro, como o outro, expresso em seus estereótipos, e o uruguaio como o eu. É evidente que, com essa comparação, não se quer incorrer ao absurdo de dizer que a propaganda uruguaia seria uma expressão de traços fascistas. Mas, tanto mais, que o fascismo possui traços elevados exponencialmente de etnocentrismo. Um traço que, como Siqueira e Siqueira (2016) sugerem, intensifica-se conforme a fragilização das fronteiras entre os Estados-nação e o crescimento da globalização que, não sem motivo, geraria como reação muitos anos depois o recrudescimento e ressurgimento de nacionalismos extremos e reacionários. Como já dito, é a partir do contato com outras nações que se reafirma a identidade da nação. Uma crise de identidade, conforme as “comunidades imaginadas” descritas por Anderson (2008), entram em colapso. E, como qualquer crise, esta gera uma reação.

Dessa forma, o próprio corpo se torna vítima do imaginário. Isso é muito claro em movimentos fascistas, como os exemplos que foram ditos da figura do mito, do *Duce*, do *Führer*, do Chefe, do líder, do Messias, do homem forte, infalível, sobrenatural. Ou, como no caso do comercial uruguaio, com retratos homogeneizantes de uma figura brasileira que não apresenta mais do que um pequeno fragmento de um caldeirão infinitamente mais amplo.

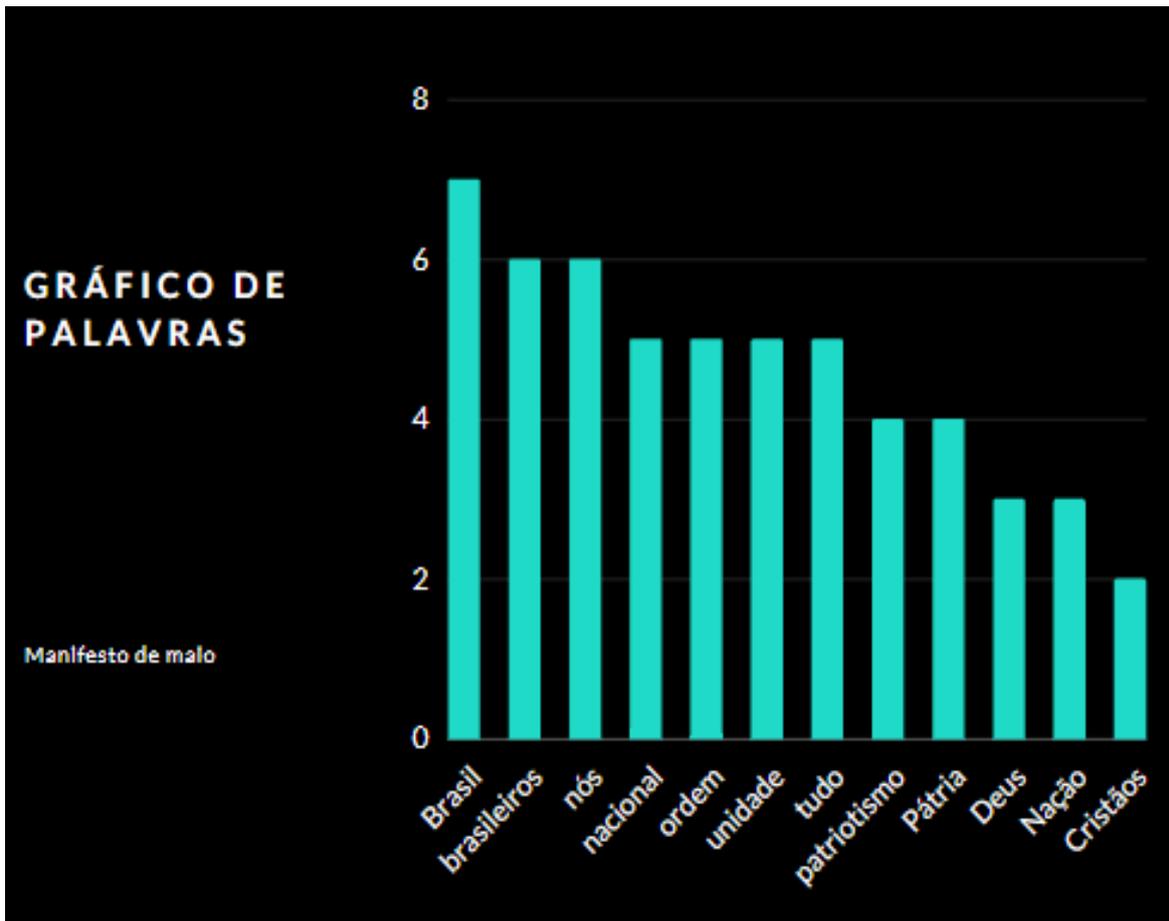
3 Análise em profundidade sobre o *Manifesto de maio*

4

O imaginário anticomunista aparece frequentemente na ampla fortuna material de Salgado. Mas em um, em particular, ele se destaca: o *Manifesto de maio*. Isto porque o manifesto em si é sintomático. Insatisfeitos com o que enxergaram como uma marginalização do Integralismo depois das promessas e da colaboração com o golpe do Estado Novo, Salgado e seu movimento deram início a uma série de manifestações, culminando na tentativa de golpe com o Levante Integralista de 11 de maio de 1938. A tentativa de golpe foi consequência de um decreto de Vargas que tornava o Integralismo ilegal, bem como quaisquer outros movimentos políticos. Este momento pode ser pensado como ápice do Integralismo, que não teria a mesma força novamente. Mas, repetindo a História, o fascismo tradicionalmente não chega ao poder Executivo por um golpe (Paxton, 1998, p. 17). E o de Salgado também viria a falhar. O levante terminou com mais de mil Integralistas presos — majoritariamente o baixo escalão (Calil, 2010, p. 77), e o autoexílio de Salgado em Portugal.

Um mês antes de partir para o autoexílio, Salgado publica o Manifesto de maio, uma tentativa de *mea culpa* sobre o levante. Apesar da tentativa de se desvincular do levante, Salgado foi preso um ano depois da tentativa de golpe, sendo brevemente encarcerado na Fortaleza de Santa Cruz, em Niterói, de onde partiu para Lisboa no mês seguinte. É neste cenário que surge o *Manifesto de maio*, uma recomendação para que os Integralistas não fizessem novos levantes e para que se submetessem ao Estado Novo. Como mostra Calil (2010, p. 77-78), Salgado manteria essa posição no exílio, escrevendo cartas para líderes do Estado Novo brasileiro, incluindo Vargas, na tentativa de estabelecer um diálogo. O *Manifesto de maio* surge, assim, de forma paradoxal: ao mesmo tempo em que aparece logo após a tentativa de radicalização do Integralismo, também implica o início do seu

Figura 2 - Gráfico de palavras relevantes do *Manifesto de maio*



Fonte: Elaborado pelo autor, sobre o Manifesto de maio e através do *software* WordClouds.

Mas o verdadeiro chamado surge logo após. Dirigindo-se nominalmente ao seu movimento, Salgado (1950, p. 73) afirma que o cenário de 1938 transbordava preocupações. Não que as preocupações tenham desaparecido no período de um ano, mas as estratégias se alteraram. Depois de um ano em silêncio, e de sua perseguição tardia, Salgado (1950, p. 73) justifica sua ausência por medo de que seus ditos fossem tomados como uma defesa em causa própria, e não como uma voz do movimento integral. Mas chegara a hora, com a crescente “ameaça Bolchevista e a anarquia dos espíritos” (Salgado, 1950, p. 73), de estabelecer as diretrizes estratégicas do Integralismo neste novo ciclo. Um ciclo em que Salgado, ciente da ausência de poder para destituir Vargas, aceita a posição de coadjuvante do regime.

Como o grande pai que sempre se propôs a ser, Salgado (1950, p. 73) afirma que ensinou aos seus filhos “a fé em Deus, o amor à pátria, o ideal de unidade nacional, as virtudes cristãs; o culto dos heróis brasileiros e dos episódios militares da nação”. Uma passagem curta, na qual Salgado (1950, p. 73) elenca e resume alguns dos principais valores do Integralismo: o cristianismo, o nacionalismo, o autoritarismo, o messianismo e a ideia suprema de homogeneização nacional através do Estado Integral. Mesmo o belicismo tanatofílico aparece, conforme destaca a “renúncia pessoal” como essencial ao Integralismo. Ou seja, pouco importa o indivíduo e suas motivações ou personalidades, frente à massa única da grande nação, guiada pelo grande pai heróico e escolhido por Deus.

Esses valores são elencados em lista não sem motivo. Salgado (1950, p. 73) os utiliza para lembrar aos Integralistas sobre o que eles estão lutando e, dessa forma, por quais motivos é preferível, no momento, se acalmar. Isto porque, segundo ele, os inimigos invisíveis exigiam no momento uma pacificação, uma união, “o panorama sombrio do mundo exige que todos os brasileiros se unam no terreno comum do amor à pátria” (Salgado, 1950, p. 73). No *Manifesto de maio*, a ameaça do comunismo, do liberalismo¹ ou do regionalismo aparecem de tal forma que se torna preciso, em prol do bem da nação, abrandar as pretensões autoritárias do Integralismo, pois “o Brasil vale todos os sacrifícios pessoais por maiores que sejam” (Salgado, 1950, p. 73).

A retórica da ameaça invisível, tão presente nos materiais anteriores, se intensifica. É ela, na prática, que justifica a pacificação e a retirada das pretensões explicitamente golpistas. Incapaz de instituir um Executivo Integralista, resta a Salgado (1950, p. 74) colocar suas pretensões de lado e unir-se ao seu algoz sob a interpretação deste ser menos danoso do que as demais alternativas. Não sendo capaz de liderar ele próprio a unificação nacional, que seja outro a fazê-lo; o importante é que essa divisão não seja acentuada pelas pretensões da esquerda. Pretensões que geram “tenebrosas catástrofes” sobre “nações sem unidade, sem mística, sem coesão dos espíritos” (Salgado, 1950, p. 74). Não faz sentido, assim, “perturbar a ordem interna, criando dificuldades à confraternização nacional em torno dos supremos interesses da pátria comum” (Salgado, 1950, p. 74). Repetindo a retórica do messianismo sacrificial², Salgado aceita sua impotência para colaborar com o que enxerga como uma necessidade, o menor dos males: “se, neste momento, promovemos agitações, corremos o risco de sermos acusados, no futuro, como responsáveis pela desunião dos brasileiros, ou como empecilhos àqueles que, acima de tudo, queiram firmar na unidade espiritual da Pátria” (Salgado, 1950, p. 74). Não sendo possível formar o Estado Integral em sua totalidade, há de se contentar ao menos com o Estado Novo.

Em apologia clara e direta aos fascismos europeus do entreguerras, Salgado (1950, p. 74) afirma que retira a sua intenção de chefiar o Executivo pela necessidade de emular as estratégias europeias. De acordo com o Messias Integralista, a Europa de 1938 enxergava a erosão das potências liberais por suas divisões internas, ao passo em que os regimes fascistas ascendiam como aurora de uma nova política que compreendia a importância do espírito nacional na formação de um Estado homogêneo e único. Como desbravadores, repetindo a imagem dos bandeirantes, esses regimes fascistas “traçam o mapa das nacionalidades com a ponta das baionetas”, mostrando ao mundo a forma de governo do futuro, em oposição ao passado liberal “sem vibração mística pelas aspirações nacionais” (Salgado, 1950, p. 74).

Inclusive Miguel Reale (1934, p. 47) em *O estado moderno* cita os bandeirantes nominalmente como heróis nacionais, utilizando esta imagem para sugerir que os Integralistas seriam herdeiros

¹ É importante ressaltar, entretanto, um ponto que fica explícito em *Palavras novas aos tempos novos*, também de Salgado: o antiliberalismo do Integralismo não significa anticapitalismo, bem como também não o significava para Mussolini. Como diz, “não rompemos ofensiva contra a burguesia, mas contra o espírito do século do qual ela é um produto concreto” (Salgado, 1937, p. 85). Isto é, o que incomoda o Integralismo não é a burguesia, mas a sua visão materialista, cínica e a sua falta de paixão para com a nação.

² No autoexílio, Salgado se utilizou do messianismo mais do que nunca. Em paralelo com a imagem de Cristo, o “profeta”, como os Integralistas o chamavam, assumiu os pecados humanos e sofreu as consequências para purificá-los (Gonçalves; Caldeira Neto, 2020, p. 75).

deste ideal. Mais do que isso, Reale (1934 p. 47) identifica uma ausência de ideal no Brasil. A Alemanha teria o ideal da raça, a Rússia o ideal proletário, a Itália o império, mas o Brasil estava distante de uma paixão mobilizadora. Estava, pois o ideal de nação surge para preencher esse vácuo: “a grandeza do Integralismo consiste em ter revivido o antigo ideal da Nação, conclamando os novos bandeirantes para a conquista da terra e de nós mesmos” (Reale, 1934, p. 47). Os bandeirantes, tornados uniformes na retórica de Reale, desbravavam o território físico em busca de riquezas; já o Integralismo, seu herdeiro moderno, desbrava a espiritualidade nacional na busca de riquezas para formar uma “civilização tropical, cheia de delicadeza e de espiritualidade cristã” (Reale, 1934, p. 47).

Mas por mais que olhe com admiração para os regimes fascistas europeus, tampouco Salgado abandona o seu nacionalismo e a retórica anti-imperialista que ecoa os preceitos mussolinianos de luta de nações. Pois com a prevalência dos fascismos no velho continente, unificados em seus respectivos Estados homogêneos, massificados e integrais, recai a necessidade de que o Brasil também siga o mesmo caminho. Do contrário, se fará fragilizado e presa fácil para a influência estrangeira. Uma nação brasileira dividida e um povo “enfraquecido pelas dissensões” seria “fácil presa de seus apetites” (Salgado, 1950, p. 74). Do qual decorre a importância de o Integralismo não tomar parte nas lutas que dividem a nação, mas afirmar a sua contribuição para o fortalecimento nacional. A nação se sobressai sobre o Integralismo em si, em outras palavras, dado que é preciso sacrificar temporariamente o movimento para fortalecê-la. Isso não significa abandonar o movimento e se adaptar comodamente ao materialismo liberal-burguês, mas uma trégua temporária estratégica:

Não julgueis que estas minhas palavras encerram quaisquer intuitos de vulgar adesão, de mudanças, um milímetro sequer, da linha de dignidade que me impus e vos tracei. Nem a mim, nem a vós, nos anima o interesse mesquinho das posições cômodas e tranquilas, muito menos o gesto indecoroso dos oportunistas, estendendo a mão para pedir, seja o que for, em troca de atos de consciência. Longe de nós uma atitude de fatigados e vencidos, acendendo no olhar, onde sempre fulgurou a centelha do patriotismo, o fumo das ambições torpes. Nunca nos seduziram partilhar, ou compensações, porque o nosso patriotismo não tem preço. O que estas palavras, portanto, querem significar é, tão somente, a perfeita compreensão da hora internacional, que exige tréguas nas lutas internas. Qual a orientação, pois, que vos recomendo? A orientação da paz, da ordem, da abstenção de quaisquer agitações (Salgado, 1950, p. 74).

Para Salgado (1950, p. 75), dado que a trégua era imprescindível, era preciso que o Integralista continuasse na luta. Como melancólico, prevendo seu exílio, afirma que é preciso atuar por meio da moralidade, “a base da grandeza de um povo” (Salgado, 1950, p. 75). De igual modo, na incapacidade de um golpe integralista, a mudança para o Estado Integral virá através dos valores que o Integralismo defende: Deus, nação, pátria, ordem, unidade — essas duas últimas também algumas das palavras mais repetidas ao longo do manifesto. Salgado (1950, p. 75) chega a afirmar, no maniqueísmo típico dos fascismos, que um Integralista moralmente íntegro, que respeita os valores ditos, é um “homem de bem”, inspirado e reflexo dos grandes heróis nacionais. Aliás, “homem de bem” é uma expressão que aparece em mais de um de seus trabalhos, sendo repetida também no *Manifesto-diretiva*³.

³ O *Manifesto-diretiva* foi um documento publicado em 1945, quando do retorno de Salgado do exílio. Como o próprio nome indica, ele propõe novas diretrizes após o paradigma do fim da Guerra e do Estado Novo. Em oposição a materiais anteriores, no *Manifesto-diretiva* Salgado busca se afastar, a qualquer custo, da agora incômoda imagem do nazifascismo,

Reafirmando a importância dos preceitos Integralistas, Salgado (1950, p. 75) encerra o seu manifesto uma vez mais lembrando que o perigo invisível do materialismo das nações não integrais está mais do que nunca a postos. Para o verdadeiro integralista, cabe reconhecer que o momento é delicado e que é indispensável a trégua com o Estado Novo em função da união nacional. Na prática, portanto, o *Manifesto de maio* não é muito mais do que um pedido melancólico para que os Integralistas não busquem um novo levante, mas permaneçam fiéis aos seus princípios nacionalistas e cristãos. Um pedido para que a entropia seja parcial, não total, conforme o Integralismo se enfraquece definitivamente, mas lança raízes sobre a política nacional que nunca vão desaparecer completamente:

Estas são as minhas palavras a um milhão de brasileiros que ensinei e eduquei duramente seis anos. Digo-as, desinteressadamente, e, com a maior solenidade, porque falo do outro lado da vida política da Nação, reafirmando os meus propósitos, tantas vezes repetidos, de nada quer do Brasil a não ser que ele seja grande e respeitado. O momento internacional é de uma gravidade sem precedentes nestes últimos cem anos da História Universal. Diante dele e dos perigos que ameaçam nossa Pátria, direi, para que não caia sobre mim, um dia, a acusação de haver concorrido para a subversão da ordem e as divisões dentro do país: - Uni-vos, brasileiros, respeitando as autoridades constituídas e não perturbando, de forma alguma, a ordem pública. E, se apesar disso, a minha palavra e a vossa atitude não forem compreendidas no presente, restar-nos-á a certeza de que, sempre fiéis ao mais alto pensamento de patriotismo, a posteridade saberá julgar-nos nas páginas da História (Salgado, 1950, p. 75).

Por fim, estas foram as principais características identificadas no *Manifesto de maio*, que dá início ao terceiro ciclo do Integralismo: a fragilização e o exílio de Salgado.

Tabela 1 - Características apreendidas no *Manifesto de maio*.

Manifesto de maio (1938) Terceiro ciclo: Estado Novo (1937-1938) Terceiro estágio: chegada ao poder	
<i>Conceito</i>	Característica
<i>Anticomunismo</i>	Paranoia conspiracionista, ameaça comunista
<i>Anticomunismo/anti-liberalismo</i>	Materialismo afasta os homens de Deus
<i>Autoritarismo</i>	Apologia dos fascismos europeus Belicismo Tanatofilia Culto do messias Maniqueísmo Messianismo sacrificial: sacrificar o movimento em prol da nação Salgado como o grande patriarca que ensina seus filhos sobre valores nacionais e cristãos Unificação da nação integral
<i>Fundamentalismo cristão</i>	“Deus” e “cristão” como algumas das palavras mais utilizadas Deus como guia da moralidade
<i>Nacionalismo</i>	Culto dos heróis nacionais “Brasil”, “brasileiros”, “nacional”, “nação”, “patriotismo e “pátria” como termos mais frequentes Preceitos da integração nacional Homogeneização nacional
<i>Reacionarismo</i>	Nação degenerada Necessidade de reação contra a degeneração Retórica da ameaça e conspiracionismo paranoico: ameaça invisível catastrófica

Fonte: Elaborado pelo autor, baseado no *Manifesto de maio*.

4 Considerações finais

Assim como os fascismos em geral, o repertório Integralista é rico em imaginários, tanto mais por se basear em simbologias e construções de identidade. O imaginário, como construção de uma realidade, serve como ferramenta para o anticomunismo de Salgado, bem como à visão corporal do líder atlético, forte, poderoso — uma imagem que não condizia com o porte de Salgado. O imaginário do anticomunismo e do líder são particularmente úteis por permitirem justificar o autoritarismo, conforme Salgado (1950, p. 42) afirma que só há liberdade de fato em uma estrutura disciplinar rígida. Um paradoxo que defende, portanto, que a liberdade vem do autoritarismo, o que casa com a ideia de

Mussolini (2006, p. 256) de “democracia autoritária”. Os imaginários são métodos para atingir essa estrutura autoritária: o líder, como grande pai, o único capaz de encaminhar a nação de volta à grandeza; e o comunismo, responsável pela decadência da nação e pela ameaça aos filhos.

É perceptível que o Integralismo transpõe as etapas propostas por Paxton (1998). Ainda que não desapareça nunca do cenário político brasileiro, após 1938 caminha progressivamente à marginalização e entropia. Retornando aos argumentos de Paxton, neste caso as elites tradicionais, conservadoras e liberais prevaleceram sobre os fascistas, não permitindo que os segundos ascendessem ao Executivo porque, na prática, não havia necessidade para tal. O cenário político brasileiro da época fornecia campo para um autoritarismo tradicional como o Estado Novo, ainda que com alguns traços de imitação fascizante que Vargas absorveu tanto do Integralismo quanto do Fascismo, mas não tanto para um fascismo em si.

Referências

- ADORNO, Theodor W. *et al. Estudos sobre a personalidade autoritária*. São Paulo: Unesp, 2019
- ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- BUKOWSKI, Charles. *Crônicas de um amor louco*. Porto Alegre: L&PM, 2013.
- CALIL, Gilberto. Os integralistas frente ao Estado Novo: euforia, decepção e subordinação. *Locus*, v. 30, n. 1, p. 65-86, 2010. Disponível em: <<https://periodicos.ufjf.br/index.php/locus/article/view/20135/22435>>. Acesso em 26 out. 2021.
- FREYRE, Gilberto. *Casa grande e senzala*. formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. São Paulo: Global, 2004.
- GONÇALVES, Leandro Pereira; CALDEIRA NETO, Odilon. *O fascismo em camisas verdes*. do Integralismo ao neointegralismo. Rio de Janeiro: FGV, 2020.
- IL POPOLO D'ITALIA. 06 de jun. 1919. Disponível em: <[http://teca.bsmc.it/pub/images/materiale_a_stampa/periodico/Popolo%20d%60Italia\(II\)/CUB0706991_19_00006/CUB0706991_1919_00006_021.jpg](http://teca.bsmc.it/pub/images/materiale_a_stampa/periodico/Popolo%20d%60Italia(II)/CUB0706991_19_00006/CUB0706991_1919_00006_021.jpg)>. Acesso em: 16 set. 2021.
- MUSSOLINI, Benito. *My autobiography: with "The political and social doctrine of Fascism"*. New York: Dover, 2006.
- MUSSOLINI, Benito. Mussolini as revealed in is political speeches. *Project Gutenberg*, 2020. Disponível em: <https://www.gutenberg.org/files/62754/62754-h/62754-h.htm#Page_xxi>. Acesso em: 16 set. 2021.
- PAXTON, Robert. *A anatomia do fascismo*. São Paulo: Paz e Terra, 2007.
- PAXTON, Robert. The five stages of fascism. *The Journal of Modern History*, v. 70, n. 1, p. 1-23, mar. 1998.
- REALE, Miguel. *O Estado moderno*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1934.
- SALGADO, Plínio. *O Integralismo perante a nação*. Rio de Janeiro: Livraria Clássica Brasileira, 1950.

SALGADO, Plínio. *Palavras novas aos tempos novos*. São Paulo: Panorama, 1937.

SIQUEIRA, Denise; SIQUEIRA, Euler. O imaginário da diferença: identidade e etnocentrismo na publicidade sobre o Brasil. *Revista Famecos*, v. 23, n. 3, p. 1-15, 2016.

Artigo submetido em: 27/07/2023

Aprovado em: 18/09/2023

Sergio Schargel (sergioschargel@gmail.com) é Professor Substituto em Literaturas de Língua Inglesa na Universidade Federal de São João del Rei e doutorando em Ciência Política na Universidade Federal Fluminense. Mestre em Letras pela PUC-Rio, mestre em Ciência Política pela Unirio. Bolsista CAPES.

O imaginário anticomunista de Plínio Salgado no *Manifesto de maio*: um fantasma sempre em ronda

Resumo: O Integralismo, como demais fascismos, é repleto de imaginários. Imagens e signos a que o movimento historicamente lançou mão para construir a coesão argumentativa. Entre eles, talvez a principal seja o anticomunismo, elo de ligação entre o reacionarismo, autoritarismo, nacionalismo e populismo, os quatro conceitos que formam o fascismo. Este trabalho se propõe a discutir, através de um referencial teórico sobre Integralismo, fascismo e imaginário, contendo autores como Robert Paxton, Leandro Gonçalves, Denise Siqueira e Euler Siqueira, a construção do espantalho comunista no Integralismo. Através deste exercício hermenêutico, será possível compreender como o imaginário da paranoia comunista finca raízes no Brasil, e ampliar o estado da arte ao mostrar como este tipo de retórica é secular no país. Para isso, será tomado como objeto o *Manifesto de maio*, material no qual Plínio Salgado busca uma trégua com o Estado Novo após a tentativa frustrada do Levante de 1938, para combater o comunismo, mal maior. Por fim, o trabalho se propõe a responder a seguinte pergunta de pesquisa: de que forma Salgado constrói o imaginário do anticomunismo no *Manifesto de maio*, e por que o faz?

Palavras-chave: Integralismo; fascismo; imaginário; anticomunismo; antiliberalismo.

Plínio Salgado's anti-communist imaginary in the *May Manifest*: a ghost always on the prowl

Abstract: Integralism, like other fascisms, is full of imaginaries. Images and signs that the movement historically used to build argumentative cohesion. Among them, perhaps the main one is anti-communism, a link between reactionarism, authoritarianism, nationalism and populism, the four concepts that form fascism. This work proposes to discuss, through a theoretical framework on Integralism, fascism and the imaginary, containing authors such as Robert Paxton, Leandro Gonçalves, Denise Siqueira and Euler Siqueira, the construction of the communist scarecrow in Integralism. Through this hermeneutic exercise, it will be possible to understand how the imaginary of communist paranoia takes root in Brazil, and to expand the state of the art by showing how this type of rhetoric is secular in the country. For this, the *May Manifest* (*Manifesto de maio*) will be taken as object, material in which Plínio Salgado seeks a truce with the Estado Novo after the failed attempt of the 1938 Uprising

(Levante), to fight communism, the greater evil. Finally, the work proposes to answer the following research question: how does Salgado build the anti-communist imaginary in the *May Manifesto*, and why does he do it?

Keywords: Integralism; fascism; imaginary; anti-communism; anti-liberalism.